

## Uma literatura no limite da filosofia: Georges Bataille

Prof. Dr. Osvaldo Fontes Filho<sup>1</sup> (PUC/SP)

### Resumo:

*Em L'écriture et la différence, Derrida identifica um pensamento do limite na “destruição do discurso” proposta por Georges Bataille, um dos autores aos quais Foucault solicitara a indicação das “maneiras de sair da filosofia”. De fato, em Bataille uma escritura soberana arrisca-se à morte para despertar da longa noite da razão, onde viceja uma lógica férrea, inscrita no léxico e na sintaxe de uma “fraseologia da verdade”. Este estudo procura caracterizar o que Bataille chama “o trabalho destrutivo da escritura de ficção”, uma sistemática interrupção da cumplicidade entre palavra e sentido, com o conseqüente desmonte da gravidade conceitual. Assim, examinar em Bataille o espaço de vinculação da linguagem e da morte, na contrafação da certeza de si e da segurança do conceito, implicará procurar por justa hermenêutica — “investigação necessariamente sem reserva” das diferenças, dos limites, diria Derrida — no trato com o sacrifício impiedoso dos filosofemas na literatura.*

**Palavras-chave:** Filosofia, Literatura, subjetividade, limite, transgressão, soberania

“A possibilidade da ficção literária obsedia, como sua própria possibilidade, o testemunho dito veraz, responsável, sério, real. Essa obsessão talvez seja a paixão mesma, o lugar passional da escritura literária, enquanto projeto de tudo dizer”.

Jacques Derrida, *Passions de la littérature*

### Introdução

Na obra de Georges Bataille, a palavra é instada a arrancar o sujeito do espaço de sua representação coerente e a alertar, entre outras subversões da canônica filosófica, para a “selvagem impossibilidade” de um Eu soberano. Não é outro o desafio do escritor batailliano frente à enormidade do impasse filosófico que se descortina para a condição moderna. Tal desafio supõe, no dizer de Foucault (2001. p.42), uma “libertação obscura e central da palavra no âmago de si mesma [...], que nenhuma cultura pode aceitar imediatamente”. Inconveniência maior para um filósofo, diga-se, mas desafio ao qual o escritor Bataille responde investindo contra a filosofia a golpes de literatura incongruente.

Recorde-se o diagnóstico de Foucault para a moderna experiência da linguagem: “nos deparamos com uma hiância que por muito tempo permaneceu invisível para nós: o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito” (FOUCAULT 2001a. p. 222). Anteriormente, Foucault localizara em Bataille (assim como em Nietzsche, Mallarmé, Artaud, Klossowski e Blanchot) uma “experiência nua da linguagem”, através da qual modernamente fraqueja a evidência do “Eu sou”. Numa verdadeira inversão copernicana do movimento que sustentou desde sempre a sabedoria ocidental — na sua promessa da unidade serena de uma subjetividade triunfante —, o sujeito escritural batailliano passeia, “sem outro fim que o esgotamento”, pelo “vazio desmesurado” deixado pelo filósofo em perda de função gramatical, apropriando-se de uma experiência de expressão na qual, “em vez de se exprimir, se expõe, vai ao encontro de sua finitude e sob cada palavra vê-se remetido à sua própria morte” (FOUCAULT, 2001. p.46). Subjetividade exposta a uma “pulsão de morte”, evidência de trajetória desmedida, de limites transgredidos, conseqüentemente, de antigas soberanias esgotadas, sobretudo no que diz respeito à linguagem. De fato, a se crer em Foucault,

a linguagem de Bataille desmorona-se sem cessar no centro de seu próprio espaço, deixando a nu, na inércia do êxtase, o sujeito insistente e visível que tentou sustentá-la com dificuldade, e se vê como que rejeitado por ela, esgotado sobre a areia do que ele não pode mais dizer (FOUCAULT, 2001. p.36).

Em contraposição aos esforços de transitividade e de interiorização do mundo, próprios ao filósofo, Foucault evoca o “exemplar empreendimento” nas narrativas bataillianas de uma obstinada destruição do discurso da contradição em favor de um pensamento do limite e da “subjetividade rompida” (FOUCAULT, 2001a. p.223). Na exuberância de sua escrita, ele registra: “esquartejamento primeiro e refletido daquele que fala na linguagem filosófica. Dispersão de estrelas que circundam uma noite mediana para aí deixar nascer palavras sem voz” (FOUCAULT, 2001. p.39).

## **1 Experiência-limite e escritura soberana**

Afásico, o “supliciado” de que fala Foucault é sujeito de uma experiência-limite. “Afirmação intransitiva de nada”, como a caracteriza Blanchot, nela se revela como a linguagem não se presta a nenhuma redenção. Inadequada à expressão de uma soberania entendida como o dispêndio exuberante e inútil de si, a linguagem filosófica fracassa porque é feita de proposições onde intervêm identidades. Um dispêndio sem reserva, sucedâneo batailliano de toda rentabilidade conceitual, solicita o heteroclitismo de uma escritura do/no limite, a pluralidade de sua não-verdade, como se por ela o *um* do saber fosse continuamente levado a seu desviamento, à sua desvalorização, na medida em que ali se elude toda monologia do saber, se desdenha toda “rentabilidade” do sujeito e de seus sentidos.

Foucault fala, a respeito, de espoliação, de multiplicação e de dispersão da subjetividade (filosófica) no espaço de sua linguagem lacunar: “uma das estruturas fundamentais do pensamento contemporâneo” (FOUCAULT, 2001. p.38). Ausência dispersa num vazio do Sentido que a palavra literária moderna encarregar-se-ia de frequentar como possibilidade de se exercer em seu perpétuo efeito de carência. O diagnóstico é admirável em sua radicalidade. O Eu, outrora garantia de um ponto de fuga numa clássica conscrição do mundo, arrisca ali derivar para o vazio a que o texto literário doravante aspira — “o saber em último grau deixa diante do vazio” (BATAILLE, 1973. p.333). A escritura soberana é impeditiva de todo gesto que venha depositá-la numa marca (assinatura), desinteressada de seguir um roteiro, uma continuidade. Em outras palavras, é poligrafia que evita a escrevença do especialista — para falar como Barthes —, pois que às distinções estatutárias e estabilizáveis de uma cronologia, de uma história, de uma teleologia, contrapõem-se a mistura dos saberes, o despedaçamento dos códigos, com a conseqüente dispersão das identidades (BARTHES, 1988. p.251 e 253).

### **1.1 Impossível narrativa**

Na perspectiva de uma realidade vertida em “frases metodicamente alinhadas”, ocorre de o sujeito moderno sonhar com uma escritura sem rasura, incessantemente retomada, página após página, como uma tessitura envolvente em torno da justa fórmula da continuidade que supostamente definiria o Ser. Sonho de uma palavra sem suspense, sem alternativa nem solução de continuidade. Haveria muito a dizer sobre o Ser e nenhuma razão para suspender as questões que ele solicita. Se o tempo não se ativesse senão ao fio de uma escritura que se retomasse ininterruptamente, a noite prepararia o dia de todas as evidências, a palavra seria interminável, como uma incessante preparação para a jornada de amanhã, como se fosse preciso escrever continuamente para dissipar a vertigem de uma memória que nada esquece, mas que parece inclinada a se apaziguar com tautológicas assertivas do tipo: “o que é é, o que não é não é”.

Na arte, sustenta Bataille (1986. p. 71), o desejo sempre retorna, mas “é o desejo de anular o tempo, de anular o desejo”. Cumpriria desejar mais? Livros e palavras: a vontade de dizer sempre poderá deplorar a falta de um a mais. Faltará sempre algo, tanto ao ler quanto ao escrever. Contudo, se ocorre de considerar o Ser a partir de “sua profunda divisão interior” (BATAILLE, 1986. p.110) — como apregoa a ficção batailliana —, então será necessário reconsiderar o que se entende por “falta” ou por “excesso”. Talvez procurar sincopar os fraseados ou, mais exatamente, favorecer modos de fragmentação que permitam interromper toda continuidade narrativa. Se o excesso afeta tanto quanto a falta o filósofo que padece de um apetite imoderado de saber, se a glotonaria por livros, como tantas vezes advertiu Bataille, acaba por favorecer “nossa vontade de fixar o Ser”, de amontoá-lo em demasia sobre si mesmo, cumpriria então trabalhar com a impossibilidade do Dizer, e procurar igualar numa palavra intransitiva a incongruência que por vezes parece caracterizar o Ser.

Quase ao mesmo tempo em que, em *Madame Edwarda* — nesse que é “o mais incongruente dos livros”, segundo Blanchot (1959. p.262) —, Bataille propõe a impossível narrativa de um Ser que a mais nada se assemelha, ele experimenta no autobiográfico *Le Coupable* a impossibilidade de uma continuidade absoluta da palavra no retrato de si. Na aspiração a escrever a partir de uma “espécie de obscuridade alucinante”, que lhe comunica “uma torção de todo o ser tendido ao impossível”, ele não vê outro modo de expressão senão aquele que lhe permite escapar à ilusão de relações sólidas com o mundo. Assim, ao “pôr em jogo” sua situação segura na linguagem, o escritor Bataille experimenta o incômodo sentimento de uma intermitência do Ser:

Posso esperar sair de um estado de fadiga e de escoamento gota a gota na morte? E que tédio de escrever um livro, lutando contra o esgotamento do sono, desejando a transparência de um livro: clarão deslizando de sombra a sombra, de um horizonte ao horizonte seguinte, de um sono a outro sono. Não abraço o que digo, o sono me abate, o que digo decompõe-se na inércia vizinha da morte. Uma frase escorregava mais abaixo na decomposição das coisas e eu já adormecia... Esquecia-a. Acordo, escrevo essas poucas palavras. Já tudo cai no entulho de dejetos do sono [...] Todos os sentidos se anulam, compõem novos; inapreensíveis, como saltos. Tenho na cabeça um vento violento. Escrever é partir para outra parte. O pássaro que canta e o homem que escreve se libertam. De novo o sono e, a cabeça pesada, desfaço-me (BATAILLE, 1973. p.359).

Nessa contracenografia da noturna meditação cartesiana, onde o protagonista preparava o diurno esgotamento arrazoado de seus possíveis, Bataille submete-se à negatividade da linguagem, ao momento em que o enunciado se arruína na medida em que se enuncia. No tempo presente de um auto-retrato literário aonde pululam formas vazias, esquemas, fantasmas de frases, deslocando-se entre sono e vigília, ali onde é caso de se furtar a um “escoamento gota a gota na morte”, não é atualizado *Ego* algum. Aquele que sonha desperto com a transparência do livro, luta na noite para inscrever fugidias e esparsas palavras: sucumbe por fim ao esquecimento no sono, “inércia vizinha da morte”. De uma quimera a outra, entre duas “derivadas”, uma frase se insinua na tentativa de apreender “ao largo” o objeto de seu desejo. Este persiste, porém, em “escorregar” para mais longe, junto à “decomposição das coisas”. Por fim, entende-se que a figura de um imutável Eu cedeu lugar àquela de um sujeito cujos objetos de contemplação são a “vítima agonizante”. Afinal, estima Bataille, escrever não é “encerrar o universo em proposições satisfatórias, mas somente um jogo jogado com uma realidade inapreensível” (BATAILLE, 1973. p. 284).

. Das páginas ficcionais de uma “literatura insustentável” àquelas de uma autografia onde se ausenta o Eu soberano; do uso sacrificial da linguagem na poesia à sua “suplantação intolerável” na narrativa erótica; enfim, nos vários lugares de uma cenografia invariavelmente incongruente, por entre os “negligenciados” da discursividade tradicional (riso, êxtase, efusões, violências), Bataille procura expressar a negatividade do Ser a partir de um combate das palavras contra si mesmas. Não surpreende que, nesse intento, ele confesse a necessidade de unir “à esperada consecução de um andaime filosófico aquela de uma obra onde a incoerência de todas as coisas estaria igualmente

refletida” (BATAILLE, 1971. p.397). Um andaime de coerências de modo a sustentar incoerências. Quadratura do círculo? Provavelmente. Contudo, pode ocorrer que necessidade seja sentida de unir a toda coerência algo capaz de demonstrar sua dependência do impossível. E “o impossível é a literatura”, insiste Bataille, enquanto a filosofia não é mais que “o sentido do impossível” (BATAILLE, 1971a. p.521).

Impossível dizer o que significa uma necessidade sentida. Não resta, pois, que escrevê-la; acolher na escritura aqueles “momentos intoleráveis” em que “o ser em nós não está mais ali senão por excesso”, através da morte. Mas escrever é formular uma intenção, aceitar os limites do Ser, encerrá-lo numa taxonomia discursiva que de todo modo simula uma perenidade. Por isso mesmo somente uma escritura incoerente (incongruente) seria capaz de tocar o Ser “no ponto em que ele sucumbe” (BATAILLE, 1973. p.261). Razão porque o autor de *Histoire de l’Oeil* (e de tantos textos escandalosos) joga com o que não é imperativamente. Ele o faz recorrendo a uma linguagem infensa a qualquer processo recorrente, feita de palavras que escapam à medida que acolhem o sentimento da morte. Escrever o excesso é aceder a todo o possível; ao mesmo tempo, é aceder ao impossível. O impossível não é a condição do possível? O excesso é aquilo mesmo pelo qual o Ser é, de imediato, antes de tudo, fora de todos os limites. O excesso, a morte, fundamenta o Ser, mesmo se “o excesso excede o fundamento”. Assim, o escritor, por meio do que é a condição do possível (palavras, frases, sintaxe), atinge o impossível: “tudo o que é mais que o que é”. Derrota das tautologias. Num mesmo gesto comparecem atração e horror. Derrota das contradições. O que atrai, o que repulsa: o ser se define nas intensidades, mais que nas identidades, como “o que é mais que o que é”. Desse excesso somente se pode falar como do que nenhuma formulação — nem mesmo a palavra “excesso” — pode incluir. Ele solicita, pois, uma linguagem como continente transbordante, uma “impossível narrativa” como conteúdo vazio.

## **1.2 Textualidade labiríntica e ausência de si**

“Esta exposição me põe em jogo pessoalmente”, assume o narrador no autográfico *Le Coupable*. Invariavelmente, Bataille não cessa de se mostrar no ato de experimentar o momento em que o escrito, à semelhança do mundo, se decompõe. Duplo combate, pois: das palavras contra si mesmas — “combater a linguagem é dar-lhe seu lugar” —; do autor, “vazio de conteúdo”, contra os próprios limites. Entendendo proceder à representação de si como “selvagem impossibilidade”, incapaz de evitar seus limites, menos ainda de a eles se ater, o narrador batailliano deixa-se ver por ocasião do enfrentamento das vicissitudes de seu texto. Textualidade, diga-se, labiríntica, onde opera a retaliação e recomposição vertiginosas do *corpus* autoral. Mesmo porque, ainda que o autor seja tentado pela interminável questão “quem sou eu?”, a escritura o conduz a deslocá-la, ou melhor, a adotar para seu retrato um espelho das “verdades humilhantes” (BATAILLE 1973. p.345), irredutíveis às composições idealizantes da cultura. Ao assumir o esvaziamento de si, ele passa a se ver excentrado pela interrogação sem esperança (chaga aberta em si): “quem sou eu?” O que equivale a se pronunciar por um pensamento desprovido de ponto de fuga, a fim de “estar à altura do que não tem centro” (BATAILLE, 1973. p.282). Bataille pode então admitir, na contrafação da identidade filosófica, que a verdade e a fraseologia que a representa não são seu forte: “mais que a verdade, é o medo que desejo e procuro: aquele que abre para um desequilíbrio vertiginoso, aquele que atinge um ilimitado possível do pensamento” (BATAILLE, 1973. p.240).

Sobre as ruínas de uma fraseologia da verdade, em constante comprometimento do equilíbrio, o escritor pode enfim assumir a culpabilidade que define a literatura em geral: ausência no mundo, presença numa escritura que não mais comporta tanta presença. Quase ao final de *Le Coupable*, essa ausência ganha nietzschiana metáfora: “minha ausência é o vento do fora [...] Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora, onde me abro à ausência de mim” (BATAILLE, 1973. p.365). A ausência de si, vento violento na cabeça do escritor. Aspiração a um pensamento-dança, capaz de um golpe de acrobacia, pois que não mais condicionado ao peso das longas cadeias de razões. Pensamento sem medida, como um vento violento, um fluxo na cabeça.

Contrafeito ao edificante, ele se traduz em transgressão da linguagem categorizante do edifício do saber, linguagem cuja sintaxe é marcada por secular fobia de estruturação. Enfim, a se fiar na foucaultiana “experiência do fora”, esse é vento que sopra no sentido de uma precipitação da filosofia (do saber, em geral) para fora de si, para fora da “exigência de interiorizar o mundo”, quiçá para dentro da literatura. O “pensamento do pensamento” levava a uma confirmação interior; a “fala da fala” leva à literatura, isto é, a um discurso sem conclusão, sem verdade nem teatro, sem prova, sem afirmação, livre de qualquer centro, “que constitui seu próprio espaço como o exterior do qual, fora do qual ele fala” (FOUCAULT, 2001a. p.226).

Ocorre de a ausência de si não poder se escrever: escrever é formular uma intenção, aceitar os limites do Ser, encerrá-lo numa taxonomia discursiva. O vento violento, a ausência de si, sopraria no livro batailliano se ele fosse soberano, se ele fosse capaz de tocar o Ser “no ponto em que sucumbe”. Bataille espera que “a borrasca desenraíze”. Ele espera que o não-Eu, a ausência, a morte, o arranquem à ordem onde contrai raízes (aos velhos espelhos de tinta onde os hábitos miméticos já foram há muito contraídos), condição para se alcançar o poder que o Ser possui de “chegar ao contrário do Ser”. O Ser, afinal, não nos é dado “numa suplantação intolerável do Ser”? Jogue-se doravante com essa suplantação; com o que é outro, ou melhor, com o que não é imperativamente. Deixando de dominar seu próprio texto, resta ao autor escorregar por entre suas fissuras, deixando rastros de sua “suplantação intolerável”. Em face de uma escritura escarnecedora e terrificada do não-Eu, não poderia haver outra assinatura.

## **2 A Literatura e o Mal**

Bataille sempre supôs representar perante seus contemporâneos uma “possibilidade boêmia, uma possibilidade desordenada do pensamento”(BATAILLE, 1964. p.283): modo de contestar-lhe a condição de composição disciplinada, racional. Embriagar a filosofia, surpreender o filósofo no ato de “perder ajuizadamente a cabeça”: eis a prerrogativa maior daquele que sabe que no riso, na violência, no êxtase, na efusão erótica ou poética, nos dejetos de toda ordem — isto é, em tudo quanto a boa consciência amaldiçoa como sua corrupção —, transbordam energias, gastos improdutivos, perdas fulgurantes. A filosofia teria menosprezado sistematicamente o fato de a humanidade resultar de violentos movimentos alternados de repulsa e de sedução, movimentos que envolvem indistintamente sensibilidade e inteligência. Ela teria continuamente ignorado o fato de a verdade nada significar fora da representação do excesso; ela teria excluído inadvertidamente os “momentos soberanos”, instantes de liberação da utilidade e do possível: “o encantamento provocante da poesia, a intensidade de uma gargalhada desbragada, um vertiginoso sentimento de ausência, etc.” (BATAILLE, 1973a. p.228). Restringindo-se a “somatório dos conhecimentos”, façanha de uma boa consciência à força de “frases metodicamente arranjadas”, a filosofia comporta um “adiamento da existência para mais tarde”, uma vez que o pensamento discursivo nunca deixa de se ver implicado no modo de existência do projeto (BATAILLE, 1954. p.59). Ora, a experiência de estados extremos é demonstrativa de uma incompatibilidade do humano com a idéia de projeto, e com o que lhe corresponde, qual seja, “nossa vontade de fixar o ser”, de amontoa-lo em demasia sobre si mesmo, “como um lojista avaro, ou um velhaco safado” (BATAILLE, 1954. p.107 e 34).

Que o espírito se desnude em suas reais necessidades a partir de uma radical cessação de todo protocolo intelectual: eis o que implica a contraposição ao discursivo enquanto operação de “amontoamento” dos seres. No outro lado do mundo de clareza e distinção do ser racional, vicejam perdas e inutilidades de toda ordem, os negligenciáveis, enfim, da filosofia tradicional: o riso, os êxtases, a embriaguez, a efusão poética, a efusão erótica, a efusão do sacrifício, os dejetos, momentos soberanos, experiências não subordinadas de uma “inumanidade” que cumpriria resgatar. Não surpreende, pois, que Bataille admire em William Blake a “violência poética”: em lugar de uma “ordem calculada”, ela avança no sentido de um impossível, de um “despertar na noite”, casamento do Céu e do Inferno. As frases singulares de Blake descrevem o acordo do homem com seu próprio dilaceramento, com a morte, com o movimento que aí o precipita. Elas refletem com

“exatidão suficiente” um retorno sem escapatória à totalidade do destino humano. Não tendo sido um filósofo, Blake “pronunciou o essencial com um vigor e até com uma precisão que a filosofia pode lhe invejar” (BATAILLE, 1989. p.80)

Há uma inegável fertilidade hermenêutica no trato com a figura do poeta como o “outro” do filósofo. Assim, um dos percursos mais notáveis de Bataille terá sido o de identificar em formas de energia improdutivas o sentido último da poesia. Voluntária e violenta hemorragia da esfera conceitual, meio exuberante de introduzir a perturbação nos pensamentos, a experiência poética alinha-se ao lado do riso, do êxtase, do sacrifício, do erotismo, como prática de desvirtuamento do Ser. Mesmo porque a existência nela implicada, soberana, não mais procede pelo trânsito entre signos práticos: ela se apresenta, antes, como “incandescência doentia”, “orgasmo durável”, “gasto sem contar” (BATAILLE, 1970. p.25). À semelhança do luxo, dos lutos, das guerras, dos cultos e dos espetáculos, dispêndios isentos de compensação regular, a poesia é como o outro braço da balança das possibilidades humanas, ou melhor, como o peso que desequilibra de tempos em tempos o esquema produção-conservação-consumo.

Embora por diversas vezes Bataille recrimine a experiência poética por se restringir a evocar a soberania em lugar de vivê-la, está claro que para ele a poesia “exprime na ordem das palavras os grandes gastos de energia”, que “ela é o poder que possuem as palavras de evocar a efusão, o gasto imoderado de suas próprias forças”, e que, ao fazê-lo, ela permite “anular o conjunto dos signos que é a esfera da atividade” (BATAILLE, 1973a. 220). Em suma, por ser “hecatombe das palavras sem deuses nem razão de ser”, a poesia constitui o meio maior para a afirmação, através de uma efusão desprovida de sentido, de uma soberania em nada condescendente. “Criação por meio da perda” (BATAILLE, 1970a. 307), ela se assemelha ao sentido de um sacrifício na medida em que, neste, nada é deixado para mais tarde (como no projeto); tudo é ali posto em causa, no instante mesmo em que tem lugar.

Em face dessa acepção sacrificial da poesia, é forçoso considerar que um suposto dispêndio poético é muito mais que um engajamento simbólico. A poesia põe à prova (ou, ao menos, deveria fazê-lo) a vida mesmo daquele que a assume. O ato poético ganha, pois, dramaticidade ao deixar de ser mero trânsito entre signos para verificar-se evidência da “virtude exemplar” dos gastos improdutivos. Essa temática remete inequivocamente a uma existência nietschiana, exposta incessantemente à transgressão das operações subordinadas que comumente definem a vida. Aquele que vive segundo uma consumição — em oposição a todo consumo de conveniências ditadas por uma oficialidade mercadológica —, ser extático, não definido por limites e dirigido ao extremo do possível, Bataille por vezes o denomina o Mal: intensidade trágica, violação da integridade dos seres. “O Mal é o impossível existente no fundo das coisas, somente revelado obliquamente pelos vícios, crimes, guerras” (BATAILLE, 1971a. p.43). Na expressão dessa obliquidade residiria a função maior da literatura.

No íntimo conhecimento do Mal, ela se desvela soberanamente: não é inocente, deveria mesmo “se declarar culpada” (BATAILLE, 1989. p.10). E, culposamente, a literatura vê-se confrontada com seus motivos fundamentais, como que levados ao paroxismo de sua deperdição. Quem o mostra é um hermeneuta *sui generis*, em *La Littérature et le Mal*, livro que tem por fundamento, literalmente, o “tumulto”. Ali comparecem: a paixão dilacerada até a morte, tanto mais paradoxal que ela em nada corresponde ao que se pode dizer do “vivido” do autor (de Emily Brontë ou de Michelet, por exemplo); a transgressão trágica da lei, tanto mais conduzida por uma “divina embriaguez”, quando ela escapa inteiramente ao mundo da razão (da *ratio* como cálculo); enfim, uma vontade tresloucada de libertação, de ruptura total com o mundo, “para melhor enlaçar a vida em sua plenitude e descobrir na criação artística o que a realidade recusa” (BATAILLE, 1989. p.19).

Entende-se, pois, que o Mal de que trata Bataille tenha a ver com soberania, tomada como recusa a conservar, prodigalidade sem medida. Trata-se aqui de abandonar a seara do filósofo e suas considerações acerca de substancialidades a fim de fazer falar o que é do excedente de uma dissipação sem limite das substâncias. “A energia excedente não pode ser senão perdida sem o menor fim, conseqüentemente, sem nenhum sentido. É essa perda inútil, insensata, que é a

soberania” (BATAILLE, 1989. p.18). E é sobre soberania que versam, fundamentalmente, os paradigmas literários oferecidos em *La Littérature et le Mal*. Mais precisamente, eles referem invariavelmente uma violência capaz de arruinar o fundamento precário de todos os projetos de que são feitos entendimentos e sentidos.

À sombra de vidas tranquilas, os escritores se oferecem cúmplices num conhecimento (do Mal) sem direitos no mundo da ação: Blake, espantoso por sua obra em ritmo de desequilíbrio, indiferente às regras comuns (“alguma coisa de exorbitado, de surdo à reprovação de outro, eleva ao sublime esses poemas e essas figuras de cor violenta”); Michelet, louco de liberdade, percebendo mal os limites da razão, “cúmplice por vezes das paixões que a contrariam”; Emily Brontë que, sem que nada o prenuncie, é levada da “pureza moral intacta” ao “arrebato mortal”; Proust, tomado completamente pela paixão da justiça e da verdade, “como uma espécie de inspiração”, antes de mergulhar em mansa indiferença; Sade, enfim, “possuído” pela vontade de uma liberdade impossível, até pretender “o avesso da vida” (BATAILLE, 1989. p.68,55,13,116,108 respectivamente). Todos levados para além de si mesmos pela vertigem do Mal, perfeitamente ordinários em seu desregramento, deixando contudo uma impressão de exceção absoluta, involuntários portadores de uma simplicidade peremptória, titubeantes acima da multidão e reduzindo “o humano à poesia e a poesia ao Mal” (BATAILLE, 1989. p.67). Sua via de expressão? A revolta e a apologia de idéias escandalosas, explicitamente ou segundo as regras obscuras de um mundo interior cujas figuras míticas se compõem da “negação das realidades exteriores, das leis morais e das necessidades que elas anunciam”. Jacobinismo e proclamação de liberdade sexual para Blake; insurreição malograda e eternamente pós-revolucionária de Kafka contra a autoridade do pai e contra a autoridade em geral; Sade, enfim, e o arrebatamento de “estados perigosos”, de “desejos insuperáveis”.

Os escritores tornam, assim, manifesto como a vida e a obra se ligam aos acontecimentos paradoxalmente, estranhamente: “O sentido da revolução não está dado nas idéias de Sade; em alguma medida, essas idéias não são redutíveis à revolução” (BATAILLE, 1989. p.93). Decididamente, não se visa aqui à idéia ultrapassada da independência da arte, menos ainda àquela do “reflexo” das práticas sociais sobre as produções estéticas. Está-se em registro completamente diverso: entre vida, obra (já contraditoriamente equacionadas pelas ligações que a causalidade e as narrativas das “influências” não justificam inteiramente) e acontecimentos, a ligação é de uma natureza complexa, não exatamente arbitrária, nem motivada no sentido usual: “Se eles se relacionam, é mais como os elementos disparatados de alguma figura acabada, como a alguma rocha uma ruína ou ao silêncio a noite” (BATAILLE, 1989. p. 93). A imagem da ruína, persistente, desdobrada sem motivo aparente naquela da noite, vem ilustrar com uma espécie de rigor caprichoso essas ligações que nenhuma banalidade crítica consegue esclarecer. Entre a vida significada pela obra e os acontecimentos aos quais ela reenvia há ligações de uma causalidade difusa que a causalidade ignora, relações arbitrárias que o encadeamento das razões mal delineia, nós de contradições imprevisíveis onde a análise fracassa, tudo o que em suma faz uma “interioridade” disseminada em ações e valores impossíveis e a ilusória simultaneidade de planos em profundidade bem regrada.

## **2.1 Poesia, holocausto das palavras**

Como uma espécie de limite histórico da experiência poética, surge aqui e acolá na hermenêutica batailliana a figura de Rimbaud: por vezes, como exemplar de uma vida que se consome independente de toda utilidade; outras vezes, como “contestação sem frase”, confirmação de que a violação do proibido mantém imoderado o espírito da transgressão no horizonte de uma prática sacrificial da linguagem e do pensamento. Ao falar de Rimbaud, Bataille visa aquele tipo de poesia que “retorna sobre si mesma (contra si mesma) [...]: o análogo de um suicídio”. Poesia não como “uso calculado das palavras” — mesmo porque um poeta intelectual permanece em atitude submissa, culpável em face da verbocracia (BATAILLE, 1973. p.193) —, quando em verdade ela

deveria liberar as palavras de seus próprios limites, com violência se necessário. A poesia que, portanto, preconiza Bataille é modo único de ter acesso à raiva, mesmo porque ela assegura seu sentido poderoso unicamente na violência da revolta. “Poesia raivosa”, violência poética jamais inspiradora da “insipidez do lirismo”: o outro de uma “bela poesia”. Como é caso em Rimbaud. Ainda que haja ali um “holocausto das palavras”, não é jamais delírio verbal, verborragia pulsional. Mesmo porque Bataille exige do poeta a decantação da “pobreza do delírio”, a fim de “conduzir o leitor àquela violência fria que não suporta a confusão (que exige a lucidez)” (BATAILLE, 1971. p.512).

Lúcida, a poesia está próxima da soberania, mas comumente fracassa ao evocá-la em lugar de vivê-la. Ainda que conduza do conhecido ao desconhecido, a imagem poética por vezes é incapaz de se desligar do familiar. “A poesia é, quase por inteira, poesia decaída, gozo de imagens, retiradas de certo do domínio servil [...], mas recusadas à ruína interior que é o acesso ao desconhecido” (BATAILLE 1954. p.170). Se mesmo as imagens profundamente arruinadas podem permanecer a serviço de uma estratégia de posse, então, ajuíza Bataille, a glória paradoxal de Rimbaud terá sido seu abandono da poesia. Terminando por um “disparate entediante (sua existência africana)”, ela terá sido recuo máximo do possível, um “sacrifício acabado, sem equívoco, sem reserva”. Contudo, adverte Bataille, o desejo por poesia — face ao intolerável de nossa miséria e à legitimidade modernamente adquirida pelo sacrifício do sujeito — permanece após Rimbaud somente como “má consciência”, mero “gosto por enriquecer o tesouro literário”. Assim, conclui, “nada, ou quase nada, teria permanecido da contestação sem frase de Rimbaud” (BATAILLE, 1954. p.172).

De todo modo, ela nos lembra que o princípio de toda contestação, segundo Foucault, não é uma “negação generalizada”, mas uma “afirmação que nada afirma, em plena ruptura de transitividade”.

nada é negativo na transgressão. Ela afirma o ser limitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez à existência. Mas pode-se dizer que essa afirmação nada tem de positivo: nenhum conteúdo pode prendê-la, já que, por definição, nenhum limite pode retê-la (FOUCAULT, 2001. p.33)

Bataille, a propósito, lembra:

[o extremo] nunca é literatura. Se a poesia o exprime, ela lhe é distinta. A ponto de não ser poético, pois se a poesia o tem por objeto, ela não o atinge. Quando o extremo ali está, os meios que servem para atingi-lo não mais estão. O último poema conhecido de Rimbaud não é o extremo. Se Rimbaud atingiu o extremo, ele não atingiu sua comunicação senão por meio de seu desespero: ele suprimiu a comunicação possível, não mais escreveu poemas (BATAILLE, 1954. p.64).

Portanto, a comunicação mais extremada seria aquela que renuncia a toda comunicação. Poder-se-ia então afirmar que a maldição maior de Rimbaud terá sido a de não se resignar a ser maldito, esteticamente falando. Como se a vontade de extremo pudesse ser mantida em outros planos. Donde a inutilidade de se quantificar o tanto de borda do horror que recuou em Rimbaud: nele há suficiente lucidez para não se produzir outra saída senão a renúncia. Estranha lucidez, a que se furta comumente o filósofo (à semelhança de Sartre, comentador de Baudelaire), aquela de uma soberania entendida como “jogo gratuito”, e da liberdade como “um poder da criança” (BATAILLE, 1989. p.32).

De todo modo, Bataille lembra que “a vontade de extremo em nada se detém” (BATAILLE, 1954. p.64), razão porque uma renúncia soberana ao reconhecimento prescreve mesmo o apagamento da escritura: “estar aí como ausente, insensato, padecer sem vontade e sem esperança, estar alhures”, preconiza Bataille. Algumas linhas além, importa notar, é o pensamento que se diz



em ruína, a “soçobrar” num ponto de *nonsense*: incomunicável destruição para a massa, “ela se endereça aos menos fracos”, arremata nietzschianamente Bataille (*apud* DERRIDA, 1967. p.390).

## **Conclusão**

Na procura por uma insustentável palavra, guiado por um tormento impessoal que a valsa dos pseudônimos indicia, Bataille mantém-se desejoso do comércio em torno da morte, que organiza e legitima o esforço de escrever: “Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora, onde me abro à ausência de mim”. O risco de escrever consentido até o extremo encontra sua palavra emblemática na imagem da vida posta em jogo na escritura. A afirmação e a paixão do pensamento negativo atinge a esse ponto extremo de liberdade na resposta que encontra o homem, “quando ele decide se pôr radicalmente em questão”. Esse excessivo compromisso em face da morte proíbe que a resposta constitua evidência, tanto são próprias a ela as palavras que guarda sob sua autoridade, e condena “o trabalho do discurso de acompanhamento” a uma modesta reserva. Para disso se garantir na leitura de Bataille, cumpriria tomar literalmente a severa discriminação presente no prefácio de *Le Bleu du Ciel* segundo a qual “somente a experiência sufocante, impossível, fornece ao autor o meio de atingir a visão ao longe esperada por um leitor cansado dos limites próximos impostos pelas convenções” (BATAILLE, 1971. p.381). A vergonha ou o desespero, o êxtase e o horror, introduzem um sentimento excedido na obra literária de Bataille. “No extremo de seu desenvolvimento, lê-se em *Le Coupable*, o pensamento aspira à sua morte”. Sem o que escrever não é mais que um jogo sem valor, nem sanção, jogo de esquivo do Mal ou que não inscreve em suas regras a eventualidade do risco. Os envoltórios com um “sobressalto de raiva”, que em *Le Bleu du Ciel* é *discrimen* das escrituras, patética que outros poderão censurar, permite confrontar a obra com esse risco. Razão porque Bataille repete, de prefácio em prefácio, que somente o horror, por vezes presença real em sua vida, mas procurado na ficção, permitiu-lhe “escapar ao sentimento de vazio da mentira”. Presença real ou fictícia, as narrativas que um constrangimento sensível torna irretorquíveis desfazem essa distinção. Não que se lhes deva atribuir um ilusório valor de convicção. A verdade não se confunde ali com a possibilidade de persuasão que um simulacro sabe bem produzir. Nem mesmo com as pobreza do realismo — “o realismo me dá a impressão de um erro”, afirma Bataille. A verdade é de uma outra ordem; o excesso e a violência a arrancam do inefável: “Os excessos do desejo e da morte são os únicos a permitir atingir a verdade” (BATAILLE, 1971a. p.101). Face ao mundo real da utilidade, face aos direitos da ciência (o universo do sério), a literatura refere o impossível no reverso do esquecimento da verdade de todos esses direitos, na aceitação do desaparecimento na morte ou na volúpia que lhe fornece sentido segundo.

Não há verdade sem a representação do excesso, sem que se toque o intolerável — o que o prefácio de *Madame Edwarda* coloca sob as palavras de Hegel: “A morte é o que há de mais terrível e manter o trabalho da morte é o que exige a maior força” (BATAILLE, 1971. p.9). Onde se justificar que a representação do erotismo nas narrativas bataillianas, erotismo tingido nas cores do trágico, opere uma inequívoca subversão. Face à verdade, tentados pelo impossível, os textos eróticos se dão a ambição desesperada de reduzir a seu efeito literal o pensamento do excesso que os excita. Até uma paroxística “nudez mais nua” suscitada pela volúpia advinda do impossível (BATAILLE, 1971b. p.29). A atitude heterogênea, “inorgânica” diz Bataille, da literatura, o insustentável da experiência-limite, consiste em não valorizar de sobremaneira o pensamento do excesso. Uma “sublimação” das distâncias que mantém o excesso sem dele fazer o sistema da exceção, que em suma o converte em si mesmo, é a condição de gravidade dos textos eróticos, o centro de verdade (uma verdade particularmente literária) em torno do qual eles gravitam.

A reivindicação patética de uma verdade que não é nem de ordem psicológica nem de ordem realista, garante a irrupção do texto de Bataille em sua ligação com o real. Esse movimento de confrontação dialética, suspensa na iminência de um desaparecimento, encontra sua marca exemplar em Blanchot, no começo de *L'arrêt de mort*: “Por inúmeras vezes procurei dar-lhes [a esses aconte-

cimentos] uma forma escrita. Se escrevi livros, é porque esperei através de livros pôr fim a tudo isso. Se escrevi romances, os romances nasceram no momento em que as palavras começaram a recuar diante da verdade”. Em sua formulação mais exuberante (*Madame Edwarda, Le Coupable*), esse movimento abre por assim dizer o campo de uma conquista extrema da literatura: sua impaciência essencial (“Só temos como possibilidade o impossível”), sua irresponsabilidade congênita (“Nada se apóia nela. Pode, então, dizer tudo”).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BATAILLE, Georges. *Le Coupable*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol.V, 1973
- [2] ————. *Madame Edwarda*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol. III, 1971
- [3] ————. *Méthode de méditation*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol.V, 1973a
- [4] ————. *Écrits posthumes*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol.II, 1970
- [5] ————. *La notion de dépense*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol.I, 1970a
- [6] ————. *Le Mal*. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, vol.III, 1971a
- [7] ————. *L'Érotisme*. Paris: Éditions 10/18, 1964
- [8] ————. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954
- [9] ————. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989
- [10] FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001, p.28-46
- [11] ————. *O pensamento do exterior*. In: *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001a, p. 219-242
- [12] DERRIDA, Jacques. De l'économie restreinte à l'économie générale. Un hegelianisme sans réserve. In: *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967
- [13] BARTHES, Roland. As saídas do texto. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- [14] BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris : Gallimard, 1959

---

## **AUTOR**

<sup>1</sup> **Osvaldo FONTES FILHO. Prof. Dr.**

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Unesp de S. J. do Rio Preto, é docente do departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autor de inúmeros estudos sobre a relação Filosofia-Literatura, é co-organizador de *O olhar do texto: 16 ensaios em torno do diálogo texto-imagem* (São Paulo: Algor Editora; no prelo).

[osvaldofontes@itelefonica.com.br](mailto:osvaldofontes@itelefonica.com.br)